

A PRÁTICA DO HOMOSSEXUALISMO ENTRE MULHERES DETENTAS E A VULNERABILIDADE AS DST/AIDS

THE HOMOSEXUALITY AMONG PRISONERS WOMEN AND THE VULNERABILITY TO STD/AIDS

Anney T Giordani¹, Sônia MV Bueno²

RESUMO

Fundamentos: É comum a prática do homossexualismo sem cuidados preventivos em cadeias femininas favorecendo à vulnerabilidade as DST/aids. **Objetivos:** correlacionar práticas homossexuais femininas à transmissão do HIV e DST, por sangue contaminado e secreções sexuais; orientar comportamentos favoráveis a autoproteção e de parcerias sexuais na prisão e fora. **Método:** trabalhamos 16 detentas, (06) heterossexuais e (10) homossexuais, entre 18 e 34 anos, maioria mãe, solteira, baixo nível de escolaridade, traficante, em cadeia no interior paulista. Desenvolvemos pesquisa-ação humanista e qualitativa, com questionário aberto, gravado em fitas K-7, transcrição e análise das falas. **Resultados:** detentas acham a aids e as DST atermorizantes, fatais, e, embora valorizem a prevenção, a maioria não se previne durante suas relações sexuais. Quando previnem, fazem-no com falhas e infreqüentemente com seus parceiros(as) sexuais. Há entre homossexuais ativas, detenta soropositiva ao HIV. As heterossexuais, demonstram mínimo preconceito com a prática do homossexualismo na cadeia. Fidelidade é valorizada e cobrada entre os casais e o ciúme gera brigas. Em liberdade, número significativo de mulheres homossexuais, já se relacionou com homens. **Conclusões:** a reincidência no crime e na detenção, favorece a transmissão e a troca de parceiros. Muitos de seus futuros casos também compartilharão o uso de drogas injetáveis, serão parceiros(as) no tráfico e em outros crimes, reforçando a vulnerabilidade destas mulheres as DST, HIV-aids transmitidas pelas vias sanguínea e sexual.

Palavras-chave: mulher detenta, homossexualismo, prevenção, DST/Aids

ABSTRACT

Background: It is common the practice of homosexuality without preventive care in women's prison, favoring the vulnerability to STD/AIDS. **Goals:** correlate feminine homosexual practice to the HIV and STD transmission by contaminated blood and sexual secretions; to guide favorable behavior to selfprotection and sexual partnership in and outside the prison. **Method:** we worked with 16 prisoners, (06) heterosexuals and (10) homosexuals, 18 to 34 years old, most of them are mothers, single, low education level, dealers, in prison in Sao Paulo's interior. We developed research-action humanist and qualitative, opened questionnaire, taped in cassettes, transcription and analysis of the lines. **Results:** prisoners think AIDS and STD are frightening, fatal and, although they value prevention, the most do not use any during their intercourse. When they do, they fail in many points and rarely it is taken with their sexual partners. There is, among the active homosexual, one prisoner who is soropositive to HIV. The heterosexuals do not seem to show any prejudice about the homosexuality in prison. Fidelity is valued and expected between couples and jealousy leads to quarrels. A significative number of homosexual women has already been related to men when not in prison. **Conclusions:** The reincidence in crime and detention, favor the transmission and the swap of partners. Many of their future cases will also share the use of needles and syringe when using drugs, they will be partners in traffic and other crimes, increasing this women's vulnerability to STD/AIDS transmitted via blood and sexual.

Keywords: prisoners women, homosexuality, prevention, STD/Aids

ISSN: 0103-0465

DST - J bras Doenças Sex Transm 13(5): 23-35, 2001

INTRODUÇÃO

O homossexualismo não é uma desordem psíquica e sim, como as outras, é uma forma de comportamento sexual. Cada cultura e sociedade têm a sua conceituação de homossexualismo, independente da época e nível de civilização.⁵

Em publicação referindo-se ao preconceito que ainda existe em torno do homossexualismo e a possibilidade do conhecimento científico vencer esse preconceito, Ceccarelli apud⁹, citam que a *homossexualidade não pode mais ser considerada desvio ou escolha, muito menos perversão*.

Embora vivamos numa sociedade hipócrita, que trancafia a sexualidade, que a relega a um papel inferior e condena qualquer tipo de nuance

da sexualidade que ultrapasse o modelo heterossexual, ela é o eixo principal de nossa personalidade, que não nos propicia apenas a reprodução, mas o prazer. Não é difícil entender os conflitos sociais e pessoais que as minorias sexuais têm de enfrentar. Estando os comportamentos sexuais em geral, intimamente ligados à aids e as DST, a prevenção e o controle são os indicadores mais importantes para evitar tais doenças, sendo a aids um dos maiores problemas de saúde pública mundial por ainda não existir uma terapêutica eficaz e ter grande poder de disseminação.⁴ A aids vem aumentando velozmente na população feminina no Brasil. Em relação à população masculina, desde 1985 até 1992, a curva ascendente de casos notificados de aids, é consideravelmente maior em mulheres. Segundo dados do Ministério da Saúde (1994), a transmissão sexual foi a maior responsável pela infecção do HIV em mulheres (33,1%), seguindo-se da contaminação do uso de drogas injetáveis (28,9%), sendo que em 28,1% dos casos, a categoria de transmissão não foi possível identificar... *longe de ser uma doença de 'prostitutas e mulheres promiscuas', a Aids se configura como um problema da população femini-*

¹Enfermeira mestre e doutoranda pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP / Deptº de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas. Bolsista da CAPES.

²Educadora. Professora Drª da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP/ Deptº de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas. Consultora do M.S (CN-DST/ Aids). Orientadora.

na em geral, e particularmente daquela com menor acesso às informações e serviços. (p.21).² A inclusão da mulher no rol de casos notificados de aids, deu-se pela "ponte bissexual", via de acesso do HIV aos heterossexuais. Trata-se de uma nova etapa da epidemia, que somada ao modelo masculino, reforça a exclusão e inclusão de mulheres, colocando-as em desvantagens em relação aos homens quanto ao contágio do HIV/aids.⁶ Transportando esta realidade aos ambientes prisionais de um modo geral, é de fato comum, a prática do homossexualismo. Seja eventual ou freqüente, concedido ou forçado, nas cadeias femininas, o homossexualismo também é praticado entre parceiras fixas ou não, mas, exclusivamente sem proteção contra a transmissão do HIV e outros agentes patogênicos causadores de DST. As relações homossexuais femininas, embora sejam consideradas de baixo risco de infecção ao HIV e patógenos das DST, considera-se que a presença de sangue, do período menstrual ou por traumatismos, neste tipo de relação sexual, como nas outras, potencializa o risco. Alguns fatores têm favorecido a disseminação das DST/Aids, entre elas, a falta de conhecimento, a informação inadequada, a repressão, a dissimulação, o desconhecimento de si e do outro, associados às credências populares, aos tabus e preconceitos, mitos e valores relacionados à sexualidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a expansão da aids é mais acentuada principalmente em ambientes de desinformação, o que inclui as mulheres detentas vivendo em cárcere.

Tendo como foco central à prática do homossexualismo em cadeias femininas e a vulnerabilidade as DST/Aids neste extrato social de excluídos, propomo-nos através desta pesquisa-ação, alcançar os seguintes objetivos:

OBJETIVOS

- orientar os sujeitos desta pesquisa, quanto à vulnerabilidade especialmente à aids e as DST através de contatos homossexuais o que ocorrem no interior da cadeia, sem quaisquer precauções que evitem o HIV e outros patógenos, considerando os conhecimentos e habilidades que estas mulheres já possuem em torno do assunto;
- correlacionar práticas homossexuais femininas ao contágio do HIV e agentes causadores de DST, considerando: as freqüentes

trocas de parceiras dentro e fora da cadeia, a prática do bissexualismo em períodos de liberdade destas mulheres e a reincidência, comum entre detentas, o que favorece o trânsito destas e outras doenças, do meio prisional às ruas e vice-versa;

- orientar despidendo-se de toda e qualquer postura discriminatória, à conscientização da necessidade de prevenir-se em suas relações homossexuais na cadeia e heterossexuais/bissexuais fora da prisão, incentivando-as a tornarem-se agentes multiplicadores de conhecimentos e comportamentos mais adequados à prática do sexo entre mulheres, quebrando a cadeia de contágio do HIV no meio prisional e no mundo da marginalidade, onde além da promiscuidade, é comum o uso de variados tipos de drogas lícitas e ilícitas, dificultando a prevenção às relações sexuais.

METODOLOGIA

Trabalhamos com 16 mulheres detentas, (06) heterossexuais e (10) adeptas ao homossexualismo, entre 18 e 34 anos de idade, a maioria mãe, condenada por tráfico de drogas, vivendo em regime fechado de prisão, em uma cadeia pública feminina localizada no interior paulista. Desenvolvemos uma pesquisa-ação humanista e qualitativa, atendendo aos preceitos éticos e o rigor científico. Utilizamos gravação em fitas K-7 com posterior transcrição de suas falas e com a devida autorização por escrito dos sujeitos participantes.

RESULTADOS

Dos 16 sujeitos participantes desta pesquisa-ação, a maioria encontra-se na faixa etária de 18 a 34 anos de idade, quase a totalidade das mulheres é mãe, com exceção de duas mulheres, somando 43 filhos. Antes da detenção, uma parte significativa desta população, traficava, mesmo as mulheres que declararam outros tipos de ocupações. Conforme o quadro – 1, observamos ainda, maior adesão à religião católica, baixo nível de escolaridade, sendo a maioria mulheres solteiras, inclusive os sujeitos 5 e 12 que afirmaram ser casados, considerando o fato de formarem um casal homossexual ativo morando em uma mesma cela da cadeia.

QUADRO 1 – Identificação dos sujeitos da cadeia pesquisada.

Suj.	Idade		Est. civil		Nº de filhos						Religião			Escol.		Ocupação	
	18-30	31-40	S	C	O	1	2	3	4	5	6	C	Ev	Cr	1º In		1ºC
1**	X		X									X			X		Traficante
2	X		X				X							X	X		Costureira/trafic
3	X		X				X					X			X		Traficante
4*		X	X							X		X					Nenhuma
5	X			X					X				X		X		Traficante
6		X	X					X				X			X		Comerciante
7	X				X				X			X			X		Doméstica
8		X			X					X		X			X		Balconista
9	X		X			X						X			X		Balconista
10		X	X				X					X				X	Costureira
11	X				X			X					X		X		Profis. do sexo
12	X			X											X		Traficante
13	X		X			X						X			X		Profis. o sexo
14	X		X				X					X			X		Estudante
15	X			X				X				X			X		Doméstica
16		X	X							X			X		X		Traficante
T	11	5	10	3	3	2	4	3	2	2	1	11	2	2	14	1	

*Mulher analfabeta; **Mulher sem filhos; Sujeito 12 = sem religião

Referindo-se ao quadro 2, a imagem que as mulheres detentas têm a respeito da aids e das DST resume-se em expressões do tipo: “coisa muito ruim”; um “horror”; “aterrorizante”; “coisa perigosa”; “muito triste”; “cruel”; “doença ingrata”; “doença terrível”; “doença incurável”; “que veio pra acabá com o mundo”. No entanto, paralela a estas preocupações, a questão de prevenir-se contra tais doenças, apareceu na fala da maioria dos sujeitos através das expressões: “tem que se previni”; “tem que tomá cuidado”; “é uma questão da gente se cuidá” e “usá camisinha”.

Entre as mulheres entrevistadas, o sujeito 1 é portador do HIV, e aparentemente parece conviver bem com esta realidade que não esconde, embora tenha afirmado que usava camisinha em suas relações sexuais para prevenir-se contra DST/Aids fora da cadeia, sua contaminação ocorreu através do compartilhamento de seringas durante uso de drogas, ao afirmar: “Eu peguei HIV através de um amigo que jogô na minha veia e de mais duas amigas”. Neste caso, embora o sujeito tenha afirmado que dentro da cadeia não se previne porque “A gente não tem relação...e, é muito difícil arrumá um caso...”, o mesmo se contradiz posteriormente, ao afirmar que atualmente não está se relacionando com outra mulher, colega de prisão, mas, já o

fez um dia, sem o uso de qualquer medida preventiva.

Embora a maioria tenha assegurado que antes da prisão, só se relacionava sexualmente mediante o uso do preservativo masculino, a fim de prevenir-se das DST/Aids, os sujeitos 6, 13, 15 e 16, não faziam uso da camisinha ou o faziam esporadicamente, respaldando-se nas seguintes razões: por terem tido apenas um parceiro fixo; terem se relacionado com poucos homens; porque após um bom tempo com o parceiro não precisava usar mais. O sujeito 14, foi o único que apesar de afirmar que fora da cadeia apenas se relacionava sexualmente com o uso da camisinha, adquiriu sífilis do parceiro sexual, mas, curou-se completamente. Neste caso também, há também incoerência do sujeito, ao afirmar que, embora atualmente não esteja se relacionando sexualmente com alguma colega de prisão, já o fez um dia, sem o uso de qualquer medida preventiva.

Considerando questões que norteiam a sexualidade humana, suas diferentes manifestações e a vulnerabilidade ao HIV e agentes etiológicos das DST, estudiosos afirmam que a proporção de infectados pelo HIV entre homens e mulheres no Brasil é de aproximadamente 2:1, evidenciando um maior risco para as mulheres. Com relação à transmissão do HIV através do sexo oral, há dúvidas, pois é considerado de moderado risco sem proteção e de baixo risco com a proteção de preser-

QUADRO 2 – Respostas referentes a pergunta 01: O que você pensa da aids e das DST?

Suj. Pensa da aids e DST?

- 1 *Acho uma coisa muito ruim...que veio pra acabá com as pessoas...pegam por discuidado. Eu peguei HVI através de uma amigo que jogô na minha veia e de mais duas amigas minha...e é uma coisa muito ruim convivê com isso.*
- 2 *Eu acho um horror. Aterrorizante.*
- 3 *É uma coisa muito perigosa, tem que se previni, né.*
- 4 *Muito triste. Horrível.*
- 5 *Triste. Cruel.*
- 6 *A gente tem que se previni, né. Tem que tomá cuidado, porque a aids tá matando aí.*
- 7 *É um absurdo essas doenças.*
- 8 *É uma doença muito triste. Acho que as pessoas tem que se previni, não só da aids, como de uma gravidez não desejável, e eu acho também, que essa doença é muito ingrata.*
- 9 *É ruim. A pessoa tem que se previni pra evitá qualquer coisa, né.*
- 10 *Eu penso que isso é uma questão da gente se cuidá, né. A gente que tem uma vida normal, corre menos risco.*
- 11 *Tá tendo em qualquer lugar. Tem é que se cuidá. Fazê sexo seguro, porque do contrário, é uma coisa que acaba com a vida de todo mundo, atrapalha.*
- 12 *Essa doença é embaçado, né. Cruel.*
- 13 *Mal, né. Não tenho nada contra quem tem, mas, eu previno o máximo que posso.*
- 14 *A aids é uma doença terrível e eu acho que a gente tem que se cuidá. Usá camisinha principalmente e sobre as doenças sexualmente transmitíveis...sífilis, eu já peguei...mas, já me curei graças a Deus.*
- 15 *Perigosa...se cuidá mais, proteje mais, tê cuidado na hora de fazê o sexo.*
- 16 *É uma doença incurável. Se a gente não se cuidá, a gente pode pegá. Eu acho que é uma doença que ela veio pra acabá com o mundo.*

vativo de látex não lubrificado. Isto porque o vírus foi encontrado na saliva com frequência menor de 10%.⁸

Ao serem indagadas como se previnem das DST/Aids na prisão, as respostas das detentas foram: “aqui dentro não”; “não tem como”; “só banho, antes e depois”; “nem preciso me preveni, porque se tivé alguma coisa é sabendo que a outra pessoa não tem também”; “não existe como preveni aqui dentro”; “aqui tá embaçado...a gente sabe realmente quem tem, quem não tem”. Todas as detentas entrevistadas, e que mantiveram ou mantêm relações sexuais, nunca fizeram uso de práticas sexuais seguras contra as DST/Aids. Com referência as informações recebidas de estudos epidemiológicos relativos à infecção por HIV em lésbicas, resta muito a ser esclarecido. Mesmo havendo possibilidade de transmissão do HIV por práticas sexuais entre mulheres, as únicas medidas realmente eficazes, são as preventivas.¹²

Conforme podemos observar nas falas registradas no quadro 4, quase a totalidade das entrevistadas afirmou não ter qualquer tipo de preconceito com relação a sexo. As mulheres que manifestaram ter,

referiram-se ao homossexualismo, em especial o masculino. Quanto a que não gostam em relação a sexo, metade das entrevistadas não aprova o sexo anal e o oral, afirmando: “acho uma coisa nojentá”; “anal, não curto”; “não gosto de relação anal”; “sexo anal é esquisito”.

Pouco mais da metade dos sujeitos ouvidos, é homossexual ativo ou já vivenciou uma relação homossexual na cadeia. Cinco (5) mulheres afirmaram que atualmente estão sem parceira, portanto, não estão se relacionando homossexualmente na cadeia.

A questão da vulnerabilidade, está relacionada com as teorias e práticas sociais, política-institucionais e comportamentais associadas às diferentes suscetibilidades das pessoas, grupos populacionais e até noções básicas sobre a infecção pelo HIV e conseqüências negativas.¹

Segundo nos mostra o quadro 6, quanto ao tipo de relação preferida fora da cadeia, 5 mulheres preferem ter relações com mulheres (homossexualismo), 8 detentas gostam mais de relações com homens (heterossexualismo) e 3 sujeitos afirmaram não terem preferência (bissexualismo). Já, quanto à prática sexual na cadeia, 10 mulheres prefe-

QUADRO 3 – Respostas referentes a pergunta 02: você se previne contra estas doenças? Sim ou não?
Como você fazia a prevenção contra a aids e as DST fora da cadeia? E agora, estando presa?

Suj.	Você se previne?		Como fazia prevenção fora da cadeia?	E agora, estando presa?
	Sim	Não		
1		X	<i>Eu não fazia. Quando eu vou ter relação... falo com a outra pessoa e tento fazer o possível pra não transmitir...</i>	<i>Aqui dentro não, porque não tem como. A gente não tem relação e...é muito difícil arrumá um caso...</i>
2	X		<i>Eu usava camisinha.</i>	<i>Agora eu não mantenho relações. Quando tinha relações sexuais na cadeia não me prevenia, porque não tinha como. Só banho, antes e depois.</i>
3	X		<i>Usava preservativo</i>	<i>Agora não tem jeito. Não mantenho relação sexual na cadeia.</i>
4	X		<i>Usava camisinha.</i>	<i>Não tem como pegá, né.</i>
5	X		<i>Camisinha.</i>	<i>Não tem como.</i>
6	X		<i>Fui casada só uma vez. Só tive relação com o meu marido. Não usava camisinha.</i>	<i>Aqui eu nem preciso me preveni, porque se tivé alguma coisa é sabendo que a outra pessoa não tem também.</i>
7	X		<i>Usava camisinha.</i>	<i>Não se previne.</i>
8	X		<i>Camisinha. Todas as minhas relações foi com camisinha.</i>	<i>Aqui a gente não tem relação sexual...é tranquilo, sem preocupação.</i>
9	X		<i>Meu namorado usava camisinha.</i>	<i>Agora nada. Nós não temos relações aqui.</i>
10	X		<i>Menos parceiro sexual e sempre usando preservativo</i>	<i>Aqui não tem como, né. Porque a gente não tem contato na parte sexual. Não tem jeito de pegá a doença.</i>
11	X		<i>Fui mulher de programa e sempre me preveni. Usava camisinha. Nunca deixei de usá camisinha em nenhum.</i>	<i>Aqui dentro da cadeia eu num transo e nem nada, então eu não me previno.</i>
12		X	<i>Não fazia.</i>	<i>Não me previno.</i>
13	X		<i>Uso camisinha e quando é com namorado, só depois de um bom tempo que a gente tá junto pra fazê sem...</i>	<i>Não tem como. Não existe como previni aqui dentro.</i>
14	X		<i>Eu usava camisinha e sobre doença sexualmente...eu só peguei uma vez</i>	<i>Eu não me previno, porque eu não tenho relação com ninguém.</i>
15	X		<i>Eu não tive muitos relacionamentos com muitos homens. Eu curtia, só ficava. Não usava camisinha.</i>	<i>Não previne.</i>
16	X		<i>Eu só tive um marido até hoje. A gente separô porque eu tô presa. Faz três ano e dois meses que eu tô presa...a gente se separô devido a minha cadeia sê alta, a gente resolveu esperá, vê o que acontece. Com ele a gente nunca se previniu, porque a gente era fiel um com o outro...nunca usamo camisinha, nada.</i>	<i>Aqui tá embaçado. Aqui não tem como a gente se preveni, né. Mas aqui a gente faz exame de aids...então, sempre que eu tenho alguém as menina faiz. A gente sabe realmente quem tem, quem não tem. Aí vai por aí.</i>
T	14	02		

QUADRO 4 – Respostas referentes a pergunta 03: Com relação a sexo, você tem algum tipo de preconceito? O que você não gosta?

Suj.	Sexo: algum tipo de preconceito?	O que você não gosta?
1	Tenho sim...	esse barato de sexo anal é esquisito. Eu acho que é uma coisa nojenta.
2	Não. Não tenho preconceito nenhum.	-
3	Não, preconceito nenhum.	Não tem nada que eu não goste.
4	Nenhum.	Gosto de tudo.
5	Nenhum.	É...anal.
6	Por enquanto não.	Só se pintá alguma coisa que eu não gosto.
7	Não, preconceito nenhum.	Anal, não curto.
8	Tenho sim...	O sexo oral. Pra mim tem que ser o normal.
9	Não.	Não gosto de sexo oral, sexo anal.
10	Bom, entre um homem e uma mulher eu acho que tudo é normal. Não gosto de homossexual.	Não gosto de sexo anal.
11	Sexo anal.	Nunca fiz sexo anal. Não gosto
12	Não.	Não tem nada que eu não goste.
13	Não tenho preconceito de nada no sexo.	Acho tudo válido.
14	De nada.	Eu gosto de tudo.
15	O home pedi o anus.	Não gosto de relação anal.
16	Não tenho preconceito nenhum. Eu acho mulher com mulher uma coisa estranha, mas...eu prefiro mulher com mulher do que home com home. É muito feio.	Eu gosto de tudo

QUADRO 5

Respostas referentes a pergunta 04: você pratica sexo dentro da cadeia? sim ou não?

Suj.	Pratica sexo dentro da cadeia?		Comentários
	Sim	Não	
1	X		Praticava. Agora não.
2	X		Eu já pratiquei. Atualmente não.
3		X	
4	X		Praticava, agora não.
5	X		
6	X		
7		X	
8		X	
9		X	
10		X	
11		X	
12	X		
13	X		Atualmente não.
14	X		Já pratiquei uma vez.
15		X	
16	X		
T	09	07	

QUADRO 6 – Respostas referentes a pergunta 05: **Que tipo de relação você prefere fora da cadeia? Qual você pratica (ou) na cadeia: com mulher? masturbação sozinha?**

Suj.	que tipo de relação prefere fora da cadeia?	Qual pratica (ou) na cadeia?	
		c/ mulher	masturba só
1	Não tenho preferência.	X	
2	Já pratiquei com homem e aqui dentro com uma mulher	X	
3	Com uma mulher.	X	
4*	Já transei mulher, já transei home. Eu gosto dos dois, mas...curti um sapatão dois anos, pra dizer a verdade, são melhor as vezes do que um homem.	X	
X			
5	Com mulher.	X	
6	Com mulher.	X	
7	Com homem.		X
8	Com homem.		X
9	Com homem.		X
10	Com homem		X
11	Com homem		X
12	Com mulher.	X	
13	Com homem.	X	
14	Com homem.	X	
15	Com homem.		X
16	Com mulher.	X	
T		10	06

* *sapatão*= mulher que transa mulher, fazendo papel de homem durante a relação sexual, o que implica em não se deixa ser acariciada nas partes íntimas. Faz papel ativo e somente se relaciona com mulher, que na cadeia é denominada de *leide*, ou seja, faz papel passivo na relação homossexual.



rem outra mulher para se relacionar sexualmente e 6 afirmaram fazer uso da prática de masturbação solitária. Para o sujeito 4, em se tratando de atuação do parceiro durante uma relação sexual, a figura do chamado *sapatão*, é tida às vezes como melhor do que um homem. O sexo entre mulheres é muitas vezes, relatado como melhor, cuja intimidade é maior e a cumplicidade é total.³

Para 6 mulheres, suas relações homossexuais iniciaram fora da cadeia enquanto para 4 outros sujeitos, seus contatos homossexuais iniciaram dentro da cadeia. Em relação há quanto tempo aconteceu o primeiro contato sexual com outra mulher, varia de 4 meses até muitos anos. Uma parte significativa dos sujeitos não sabe explicar como ocorreu o primeiro contato homossexual, afirmando que a amizade, a aproximação faz acontecer.

Outras alegaram sentirem-se bem melhor ao lado de uma mulher, gostar de mulher, sentir tesão por outra, nunca ter transado com homem, ter se aventurado apenas uma vez estando grávida de sete meses na prisão, por causa de um tesão incontrolável, curiosidade e carência afetiva. A prática do homossexualismo está presente na realidade das prisões, circunstancialmente ou não, além, existe sempre a possibilida-



de de uso compartilhado de drogas injetáveis e estes fatos aumentam o risco de contaminação do HIV.¹⁰

Ao serem indagadas como são suas relações sexuais na cadeia, a maioria referiu prática do sexo oral, beijos, carinhos e abraços. Trata-se, segundo os depoimentos fornecidos, de "uma relação mais ciumenta, mais agressiva"; "é loucura"; "é completo". No entanto, todas as relações homossexuais no interior da cadeia possuem peculiaridades referentes ao comportamento do *sapatão* e da *leide*, de acordo com a preferência de cada mulher que se propõe a uma relação. Quanto à frequência destas relações sexuais, varia de uma vez ao dia até todos os dias. A maioria ocorre no período da noite, pois muitas mulheres detentas trabalham nesta cadeia, durante o dia, o que lhe dá direito à remição da pena, compreendendo a cada três dias trabalhados, um dia a menos na cadeia.

São diversas as motivações que levam a conduta homossexual e cita algumas como: falta de objetos heterossexuais, solidão, chateações, rebeldia, curiosidade, necessidade neurótica de agrandar; sendo comum tam-

QUADRO 7 – Respostas referentes a pergunta 06: A sua prática sexual com mulheres iniciou fora ou dentro da cadeia? Há quanto tempo? Por quê?

Suj.	Prática sexual com mulheres iniciou		Há quanto tempo?	Por quê?
	Fora da cadeia	Dentro da cadeia		
1	X		Eu tinha 14 anos...	Não sei. Deu barato, a gente tava trocando idéia, e...aconteceu.
2		X	Há uns 7 meses.	Não sei. Deu barato assim, de repente a gente era muito, muito, muito mesmo amiga e aconteceu por um acaso.
3	X		Há 6 anos.	Eu não sei. Acho que foi... coisa do corpo. Eu gostei. Me sento mais bem ao lado de uma mulher do que de um homem.
4		X	Há muito tempo. Eu falo com qualquer pessoa que eu tive relação na cadeia...é só na cadeia. Na rua não... que na rua eu tô sossegada, eu tenho o meu marido e eu não curto esses barato. Só na cadeia mesmo.	Carência.
5		X	Há 6 meses.	Carência de cadeia. Afí a gente se vimos, se gostamos e tamos afí.
6	X		Há quase 3 anos.	Porque eu me envolvi com essa pessoa, fui me envolvendo, me envolvendo e fui ficando. Não foi por carência. Foi porque eu quis mesmo.
7	-	-	-	-
8	-	-	-	-
9	-	-	-	-
10	-	-	-	-
11	-	-	Faz uns 8 anos.	-
12	X		5 anos atrás.	Não sei. Eu gosto. Eu nunca transei com homem.
13	X			Curiosidade.
14	X		Faz 4 meses.	Não sei explicá. Surgiu de repente, eu tava a fim fiquei, e depois não fiquei mais. Eu tava grávida afí me deu um barato, deu tesão de ficá com a mulher. Fiquei. Gostei no momento, mas...se fô pra mim ficá hoje, eu não fico.
15	-	-	-	-
16		x	Faz mais de 2 anos.	Eu gosto.
T	06	04		

bém entre adolescentes e em sociedades que proibem relações heterossexuais como colégios internos, ordens religiosas, exércitos, etc. Este autor menciona que: *a sociedade é mais tolerante à homossexualidade feminina do que à masculina... as lésbicas não desenvolvem tantos problemas emocionais...tendem a ter um relacionamento mais constante, menos promíscuo e em geral, são bem mais adaptadas socialmente, não chamando a atenção da comunidade* (p. 124).⁵

Como nos mostra o quadro 9, a grande maioria dos sujeitos (15), afirma que o homossexualismo no interior da cadeia é comum e somente 1 mulher, disse ser raridade.

Faz-se referência também, a importância da aprovação da família, sendo o que mais importa, e a falta de preconceito, ao menos declarado



por parte das mulheres que não praticam o homossexualismo nem dentro, nem fora da cadeia.

O costume anterior e a prática homossexual na rua ou em outras cadeias, a ausência de contato sexual com o sexo masculino, a tentativa de passar o tempo, a necessidade de carinho e afeto, e a facilidade de duas internas permanecerem juntas na mesma cela, por horas ou toda uma noite, favorecem a prática do homossexualismo na cadeia, facilitada ou dificultada de acordo com os diferentes estilos de administração da massa carcerária (p.111).⁷

Na opinião de todos os sujeitos desta pesquisa, relações homossexuais na cadeia têm como base principal à carência, que algumas denominam de "carência de cadeia". Em situação de reclusão, uma mulher ao encontrar atenção, amizade e carinho de uma colega na cadeia, entrega-se facilmente a uma situação de cumplicidade que acaba levando ao desejo sexual e a intimidade física. Uma situação que geralmente não fica somente nas carícias preliminares ao ato. Esta entrega entre mulheres é explicada por alguns sujeitos, pela falta de atenção que vivenciam na cadeia, por se sentirem desprezadas e em muitos casos, sofrem espan-

QUADRO 8 – Respostas referentes a pergunta 07: Como são suas relações sexuais na cadeia? Quando ocorrem? Qual a frequência?

Suj.	Como são suas relações sexuais na cadeia?	Quando ocorrem?	Frequência
1	<i>Eram normal. É uma relação mais ciumenta, mais agressiva também.</i>	Não tem ocorrido porque sua parceira recebeu liberdade.	-
2	<i>Foi bom. Era tão bom. Sinto muita saudade...beijo, abraço, carinho, tudo.</i>	<i>A noite.</i>	<i>Toda noite.</i>
3	<i>Não. Na cadeia não. Fora da cadeia é diferente...é um convívio muito bom.</i>	-	-
4(*)	<i>É locura, né. Na primeira vez que eu transei um sapatão eu achava que era tudo assim, né. Eu coloquei a mão num sapatão, ele já me bateu. Não podia, né. Não pode colocá a mão no seio. Por isso que eu curto mulher, sabe, uma leide. É melhor porque mulher faz coisas assim, né...o sapatão é mais esquisito e eu não gostei muito</i>	-	-
5(*)	<i>Ela faz oral. Inclusive até melhor que um homem, é mais carinhoso. E eu não troco ela por um homem. Minha parte pra com ela é só beijos e abraços sem tocá nas partes íntima dela (sapatão).</i>	<i>Quando dá vontade. Não tem hora nem dia, não é toda hora.</i>	<i>É quando dá vontade. Uma vez por semana, duas.</i>
6	<i>Beijo. Nada de pô boca em nada...põe a mão. Abraço.</i>	<i>Quando pinta um clima, né. De noite.</i>	-
7	-	-	-
8	-	-	-
9	-	-	-
10	-	-	-
11	-	-	-
12	<i>É completo. É tudo né. Beijo, sexo oral, abraço.</i>	<i>Durante a noite</i>	<i>Todo dia.</i>
13	<i>Eu tive uma só e foi bom. A gente ficô junto até ela ser transferida.</i>	<i>Não tinha hora. A gente morava no mesmo X.</i>	<i>Não tinha...</i>
14	<i>Nóis deitamo junto, né. Rolô um beijo, depois...ela comêô a me abraçá, nós deitamo, ela fez sexo oral comigo, só que eu não fiz com ela. Eu gostei. Não me arrependo. Se aparecesse outra oportunidade eu faria também, porque foi bom...Eu tava grávida de 7 meses, desde os 5 meses, eu tava ficando com ela, mas nunca chegamo a uma relação sexual. Essa foi a primeira vez.</i>	<i>A noite.</i>	<i>Só uma vez.</i>
15	-	-	-
16	<i>É completo.</i>	<i>Não tem hora.</i>	<i>Pintô clima...é todo dia se quisé a gente fica.</i>

(*) Segundo estes sujeitos: o sapatão quer ser mais homem, macho, e a leide, também chamada de mina, faz o papel de mulher nas relações sexuais, deixando-se acariciar intimamente.

QUADRO 9 – Respostas referentes a pergunta 08: **É comum a prática do homossexualismo na cadeia?**

Suj.	É comum o homossexualismo na cadeia?		Comentários
	Sim	Não	
1	X		<i>É normal. Tem aquelas que não gosta, mas também não tem preconceito, troca idéia normalmente.</i>
2	X		
3	X		<i>É muito comum. A gente vê muito.</i>
4	X		<i>É comum. É normal, porque a vida da gente aqui dentro é a vida da gente. Desde que a minha família sabe e aceito eu, eu não quero sabê das outras pessoas. É comum e é bom. Você tira a cadeia, uma cadeia mais leve. Além de ser um sapatão ou uma mulher que a gente transa, é uma amigo que a gente tem, a gente troca idéia. Um causo, é um amigo. Se pode confiá. Eu não tenho (atualmente). Sabe porque que eu não tenho? Eu gostei duma mina aqui na cadeia e ela morreu de HIV. Então, a partir do momento que Deus levô ela, eu falei pra mim mesma: eu nunca mais quero mulher aqui dentro, porque eu sofri muito por causa da...eu gostava muito dela. Mas, se pintá uma mina que eu vejo que é pra mim eu vô e cabô. Já era. É a minha cara de í.</i>
5	X		<i>Bastante.</i>
6	X		<i>Aqui dentro é comum.</i>
7	X		
8	X		
9	X		
10	X		
11	X		<i>É bastante comum. Tem várias.</i>
12	X		
13	X		
14	X		<i>É comum, muito comum. É normal.</i>
15	X		
16		X	<i>Isso aí é raridade. Tem pessoas que realmente fica por ficá, um dia, dois. Tem pessoas que fica...durante anos.</i>
T	15	01	

QUADRO 10 – respostas referentes a pergunta 09: **Porque você acha que ocorre na prisão?**

Suj.	Porque o homossexualismo ocorre na prisão?
1	<i>Carência. Falta de atenção, e depois...você acha uma pessoa que te dá apoio, que te dá carinho, aí você se apega nela.</i>
2	<i>Porque as pessoas fica muito carente. Muitos são desprezado, muitos lá fora são espancado. Chega aqui dentro encontra carinho, uma palavra amiga, é onde se envolve. E a maioria também, vai por curiosidade.</i>
3	<i>Por falta de carinho. A gente sente muito sozinha. Então quando acha um companheiro que dá certo com a gente...aí rola isso daí.</i>
4	<i>É carência.</i>
5	<i>Carência de cadeia. A gente não tem um homem, então a gente procura o melhor, sei lá.</i>
6	<i>Carência. Pode existi o amor, mas, é muito difícil, né.</i>
7	<i>A solidão. A pessoa fica muito solitária.</i>
8	<i>Na cadeia de mulher, não tem relação sexual com homem, visita íntima de homem. Agora, no presídio de homem, tem. Em penitenciária é geralmente de 15 em 15 dias, mas, em cadeias de cidadezinha pequena, é todos os domingo.</i>
9	<i>As vezes pela falta de carinho, as vezes se apega com a pessoa...a pessoa já tá gostando de você, aí é aonde que já tá acontecendo.</i>
10	<i>Porque algumas vai pelo impulso, né. Não guenta sem uma relação sexual com homem. Aí acha carinho com otra mulher, acha que se completa.</i>
11	<i>Eu acho que é carência. A pessoa fica muito tempo aqui, conhece outra, recebe carinho, fica muito tempo sozinha aí quando vê já se envolveu.</i>
12	<i>Aqui a gente vê de tudo. Mas aqui, eu não sei te explicá não.</i>
13	<i>Porque fica carente, fica sozinha, daí procura uma outra.</i>
14	<i>Acho que é porque não tem homem...ou porque também tem sapatão.</i>
15	<i>A mulher sente falta do sexo, por isso transa mulher com mulher.</i>
16	<i>Isso acontece devido sofrimento, porque se agente tem alguém, a gente fica alí naquele mundo com aquela pessoa, todo dia, toda hora, quando a gente não tem ninguém a gente sofre muito, pensa muito na rua, a gente pensa nos filho, a gente vive lá fora. Se a gente tem alguém, não. A gente vive aqui dentro da cadeia. Uma pessoa sempre perto da gente, dá apoio, conversa, troca idéia, rola muita coisa entre duas mulheres, então, indo por aí, é que a gente consegue tirá todo esse tempo de cadeia que a gente vai tirando.</i>

QUADRO 11 – Respostas referentes a pergunta 10: **é permitido pelos carcereiros e delegado a prática do homossexualismo no interior da cadeia? quando é descoberto, o que acontece?**

Suj.	É permitido o homossexualismo na cadeia?		Se é descoberto, o que acontece?	
	Sim	Não Sei		
1		X	<i>Nada. Porque eles não pode proíbe de fazê o que a gente quê aqui dentro, desde que não desacata eles ...eu acho que eles têm preconceito sim, mas eu não ligo.</i>	
2(*)		X	<i>Eles costuma mudar um pouquinho com a gente, né. No meu caso, eles mudaram um pouco comigo, mas...normal. Não atrapalha em nada</i>	
3	X		<i>Eles não fala nada. Num tem nada contra também não. As vezes ficam fazendo piadinha com a gente nas grade, fica falando, rindo, comentando lá na frente...</i>	
4		X	<i>Fica aquela piadinha, aquela conversinha. Mas, eu não ligo.</i>	
5		X	<i>Eles não fazem nada. Normal. Quando elas sabem...eles procura pôr junto pra não brigá.</i>	
6			X	<i>Não fazem nada. Você é livre aqui dentro pra tudo, né.</i>
7		X	<i>Os carcereiros, os delegados não permitem. Tiram muito sarro.</i>	
8		X	<i>Essa é a segunda cadeia que eu tiro. Já fiquei em penitenciária e a diretora já falou que isso vai pra mesa do juiz, e isso vem atrapalhar muito a pessoa ganhar a liberdade. Porque geralmente eles vão trabalhar mais, naquelas pessoas que estão se preocupando com os filho, com o marido, com a casa.</i>	
9		X	<i>Não sei.</i>	
10		X	<i>Até hoje eu não ví acontecê nada, mas, acho que a pessoa fica meio desacreditada pela parte lá da carcerage.</i>	
11		X	<i>São contra, mas, não tem como controlá. Tirá da remissão, tiraram uma do serviço.</i>	
12		X	<i>Eu não sei o quê que acontece não, porque comigo nunca aconteceu...a gente evita que eles vejam.</i>	
13			X	<i>Nunca me viram. Acho que não acontece nada.</i>
14	X		<i>Do tempo que eu tô aqui não. Porque eles sabem de casos aqui dentro e nunca aconteceu nada.</i>	
15		X	<i>Separa até de cela.</i>	
16			X	<i>A gente tem receio do delegado, da carcerage. Então a gente nunca fica perto deles. É sempre escondido, dentro do X. Mesmo quando a gente anda pegado na mão lá fora, muitos realmente, sabe que a gente tem caso, num critica, num falam nada.</i>
T	02	11	03	

(*) Um carcereiro ao descobrir, afirma a detenta, que ele começou a trata-la mal, xingava, gritava, tirando-a do serviço que fazia na cadeia o que lhe dava direito a remissão de pena. Segundo ela, falam que ele gosta dela. Ou ele me odeia muito ou ele me gosta.

camentos nas ruas e em casa. Em alguns casos de homossexualismo, predomina a curiosidade ou a tentativa de suprir a falta do contato sexual que havia com o parceiro de quem se encontram separadas. As que preferem relações heterossexuais e não se envolvem sexualmente com colegas na cadeia, mesmo quando enamoradas, reclamam da falta do mesmo direito comumente dado a homens presos em penitenciárias e cadeias, ou seja, o direito a visita íntima.

Ocorre de fato, a privação de relações heterossexuais, na maioria das cadeias femininas. Enquanto muitas das cadeias e presídios masculinos do Brasil, a "visita íntima" ocorre, no caso das mulheres detentas, dificilmente ela é concedida. O sujeito 16, fundamenta a prática comum do homossexualismo na cadeia, pelo sofrimento da separação dos familiares por longo tempo, especialmente dos filhos, alegando que ter alguém ao lado (uma mulher) todos os dias e horas, dando apoio, conversando, trocando idéias, acaba facilitando o envolvimento homossexual e passar a vida na cadeia fica mais fácil. Ainda em relação a esta detenta que pratica o homossexualismo na prisão e é mãe de 6 filhos, ao ser condenada a uma pena longa, seu parceiro a trocou por outra mulher. Quanto à prática do homossexualismo em prisões femininas, a autora afirma que: *grande número de detentas envolve-se na prática homossexual - algumas esporadicamente, outras com maior freqüência e constância* (p.99)⁷.

Com relação a ser ou não permitido a prática do homossexualismo na cadeia, apenas 2 mulheres disseram que *sim* e 3 das entrevistadas afirmaram *não sabem*. Porém, a maioria (11) dos sujeitos, respondeu que tal prática não é permitida pela carceragem e delegado. Por essa razão, as mulheres praticam suas relações homossexuais com discrição, na cela, num espaço denominado quieto, o qual consiste na colocação de um lençol como cortina ao lado da cama de cimento com colchão, impedindo a visão das outras colegas, onde mantêm suas relações sexuais longe também das vistas da carceragem. Quando um relacionamento sexual entre mulheres é descoberto pela carceragem, segundo depoimentos de todos os sujeitos, não ocorrem agressões físicas, porém, algumas atitudes já foram notadas como: tirar a detenta da remição, separar o casal em celas diferentes, fazer piadinhas e gozação, sentem-se desacreditadas e às vezes perseguidas por um ou outro carcereiro, cuja dificuldade é maior de compreensão e aceitação.

Em algumas situações, *os contatos são breves, para não atrair a atenção das colegas e guardas*, porém, quando se pode contar com a cobertura de uma colega para entreter a guarda, pode-se entrar na cela ou cubículo da parceira para uma transa mais completa. *A partir de suspeitas de envolvimento homossexual algumas internas não podem jamais estar juntas. Em condições tão adversas, não surpreende que nem sempre é possível manter o equilíbrio emocional e psíquico* (p.111).⁷

QUADRO 12 – respostas referentes a pergunta 11: Desde o dia em que você foi detida, teve uma parceira fixa ou mais de uma?

Suj	Desde o dia em que foi detida, teve:		
	Uma parceira?	Mais de uma parceira?	Nenhuma
1		Tive duas.	
2	Uma. Só aquela.		
3*			Aqui dentro não, nunca tive.
4	Uma que Deus levô.		
5		Duas.	
6		Tive duas.	
7	-	-	-
8	-	-	-
9	-	-	-
10	-	-	-
11	-	-	-
12		Tive duas.	
13	Tive uma só.		
14	Tive uma só.		
15	-	-	-
16		Tive duas.	
T	4	5	1

*Sujeito é homossexual, porém tem parceira fixa fora da cadeia, de quem afirma gostar muito e ser fiel, por esses motivos não relaciona-se sexualmente com nenhuma mulher na cadeia.



Metade dos sujeitos teve mais de uma parceira, 4 mulheres afirmaram terem se relacionado sexualmente com apenas 1 parceira e 1 detenta afirmou ser fiel a sua companheira que se encontra em liberdade e a aguarda em casa, motivo pelo qual, não se relaciona sexualmente com outra mulher na prisão.

Das 10 mulheres que mantiveram ou mantêm relações homossexuais dentro e/ou fora da cadeia, 9 afirmaram alcançar o orgasmo em suas relações. Alguns dos sujeitos (4), disseram conseguir o orgasmo em todas as suas relações, e apenas 1 sujeito, afirmou não conseguir. Neste último caso, trata-se de uma detenta que manteve relações apenas uma vez com colega de cela, enquanto grávida de sete meses. Depois desta relação sexual, sua parceira recebeu liberdade e não houve mais contatos sexuais com outras mulheres na prisão. As relações afetivas no interior do cárcere, às vezes são cheias de controvérsias. Enquanto algumas mulheres alimentam o sonho de se reencontrarem com o amor que ficou lá fora, mantendo-se fiel a ele, outras falam como homens, transam mulheres e até matam caso sejam traídas. Todas, no entanto, vivem num clima de sentimentalismo e carências afetivas muito grande, sentindo-se muito sozinhas e inseguras.¹¹

QUADRO 13 – Respostas referentes a pergunta 12: Você consegue ter orgasmo em suas relações homossexuais?

Suj.	Tem orgasmo em suas relações homossexuais?		Comentários
	Sim	Não	
1	X		
2	X		
3	X		Muito.
4	X		
5	X		Totalmente.
6	X		Consigo.
7	-	-	-
8	-	-	-
9	-	-	-
10	-	-	-
11	-	-	-
12	X		
13	X		
14		X	
15	-	-	-
16	X		Com certeza.
T	09	01	

Apenas 2 mulheres, afirmaram ter mantido relações sexuais com parceiros do sexo masculino sem camisinha, sendo que o sujeito 1 já era HIV positivo e relacionou-se muitas vezes com um homem também soropositivo para a aids. Ambos na época, conscientes de serem portadores do vírus HIV. Já, o sujeito 14, adquiriu uma DST, sífilis posteriormente tratada, durante uma relação heterossexual com o marido, pai de seus dois filhos. Esta mesma mulher detenta, mais recentemente, também manteve uma relação homossexual na cadeia, com uma portadora do HIV, alegando ter se relacionado sabendo do fato e que, já se submeteu a exame para saber se tem o HIV, cujo resultado deu negativo.

QUADRO 14 – Respostas referentes a pergunta 13: Você já se relacionou sexualmente com alguém com Aids ou com DST? Como foi? Como ficou sabendo?

Suj.	Sim	Não	Como foi?	Como soube?
1	X		<i>Com homem. Duas pessoas que tinha aids. Eu gostava dele, ele também gostava de mim e...aconteceu. Quando a gente gosta não existe preconceito. Se aconteceu isso, eu não sei.</i>	<i>Antes. Nós conversamos muito. Eu falei pra ele que eu tinha e ele também se abriu comigo. Falou que ele tinha e agente ficamos junto durante 5 anos.</i>
2		X	<i>Que eu saiba, não.</i>	
3		X		
4		X		
5		X	<i>Nunca.</i>	
6		X		
7		X		
8		X		
9		X		
10		X		
11	X		<i>Que eu saiba, não.</i>	
12		X		
13	X		<i>Que eu saiba, nunca.</i>	
14		X	<i>Já com essa mulhe que tinha HIV e com o meu marido que tinha sífilis, pai das minhas duas filhas.</i>	<i>Com a mulher, eu já sabia e com o marido fiquei sabendo depois que peguei sífilis.</i>
15		X		
16		X		
T	02	14		

Neste quadro 15, ao abrirmos à fala das detentas pesquisadas, observamos que houve uma centralização em torno da temática estudada, com abordagens voltadas ao aconselhamento para prevenção contra as DST/Aids; fidelidade com a parceira; importância da aprovação da família quanto à mudança de comportamento de hetero para homossexual na cadeia, nem sempre como forma temporária, mas, em alguns casos, definitiva, como para os sujeitos 6 e 16. Também, abordou-se questões como: a ocorrência de brigas entre detentas, por ciúmes; o envolvimento amoroso de carcereira com uma detenta em uma penitenciária por onde já passou o sujeito 8; o preconceito de

algumas mulheres detentas cuja orientação sexual mostra-se firmemente voltada ao sexo oposto, mesmo em situação de reclusão, e, a alegação de que é preferível ter um amor (uma mulher) a alimentar ódio de alguém.

A prática do homossexualismo entre mulheres detentas, tende a caracterizar-se por contatos repetidos e carregados de afetividade e tende a preencher uma série de necessidades, como a de auto-afirmação e de estabelecimento de relações afetivas significativas e ainda, a necessidade de validar sua feminilidade como no caso das *gurias* que fazem o papel de mulher nas relações homossexuais.⁷

QUADRO 15 – Respostas referentes a pergunta 14: Questão livre para falar o que quiser.

Suj.	Questão livre
1	<i>Eu queria dizer pra aquelas pessoas que...não tem o vírus do HIV, que se previne, porque... é triste vivê ao redor das pessoas que você ama e sabendo que...um dia você tem que parti e deixá aqueles que você mais gosta.</i>
2	<i>Sexo é muito bom, né. ...tem que se cuidá, tem que se preveni, porque não é fácil não as doença que tá aparecendo por aí.</i>
3	<i>Eu tenho um relacionamento na rua com uma mulher. Eu gosto muito dela. Tô com ela há um ano e 5 meses. Eu não me relacionei na cadeia ainda por causa deste amor que eu tenho lá fora. Eu gosto muito dela, mas se acaso acontecesse, não teria problema algum...porque o meu caso, é mulher.</i>
4	<i>Aconselho quem não tem o HIV, quem não tem doença...se previni, que é essa doença é muito triste. Sobre tê um causo na cadeia ou dexá de tê, é um assunto que se diz a pessoa só e...eu gosto.</i>
5	<i>Eu acho que duas mulheres...não tem que havê preconceito, porque a família da gente aceitando, o resto não importa, porque é uma coisa muito discriminada lá fora, né.</i>

- 6 Quando eu sai deste lugar, eu não quero mais tê um relacionamento com home. Vô criá meus filhos e se pintá uma mulher...Home eu não quero mais.
- 7 Eu acho que cada um é cada um. A família da pessoa aceitando... Tem brigas, mas, eu acho que é porque uma fica de olho na outra...mas, sobre elas, tem respeito.
- 8 E também tem em presídio, carcereira que se interessa por presa. Por exemplo, sapatão como carcereira, se interessá por presa. Onde eu tirei uma cadeia, uma guarda se interessô por uma presidiária. Ela (detenta) cumpriu a cadeia dele e inclusive hoje, ela mora com a guarda em SP, tem um apartamento as duas, mora junto e até hoje elas se comunica comigo, falano, que estão vivendo muito bem. Então isso é comum, como da parte de carcereiro, como da parte de guarda.
Transá eu nunca vi elas transando, não. Mas, ficava de bejinho, carícia. Mas, chegá a transá não. Nessa cadeia aqui, não tem não.
- 9 Que se previnam e tomem juízo. Sei lá.
- 10 Eu acho que o sexo, desde que foi criado o homem e a mulher...as duas partes se completá e daí procriá. Não pra mulher com mulher e homem com homem do mesmo sexo.
- 11 Sobre o homossexualismo, eu não sô contra, mas, só que pra mim não serve. Eu não pratico, não faço. É uma questão de opinião.
- 12 Cada um sabe de si.
- 13 Não tenho nada a falá.
- 14 Fiz o exame do HIV e deu negativo.
- 15 Eu não tenho preconceito, não. Cada um é cada um, né. Curti o que quê, transá com homem, homem com homem, mulher com mulher.
- 16 Eu gostaria de falar...sobre mulher com mulher, que é o caso. Eu acho que, muitas das vezes, as pessoas criticam a gente...muitas das vezes humilha, fala que isso não é certo, que isso não é uma coisa de Deus, mas...eu acho, quem somos nós de carne e osso pra mostrá o que é certo. Porque onde Deus semeia o amor, alí Ele já passa. Deus dexô o amor no mundo pra...convertê o coração da gente, pra dá alívio a alma da gente, porque o amor é uma coisa muito boa. É preferível amar alguém do que ter ódio de alguém neste lugar que a gente vive hoje. Aqui neste mundinho que a gente vive hoje, existe muita coisa que as pessoas aí fora não fazem idéia, então, eu prefiro vivê no amor, Com quem eu estive hoje e com que eu estive antes, nunca me deixou me envolver em problema algum...

CONCLUSÃO

Os estereótipos e preconceitos que definem a mulher em sociedade e o seu baixo status em relação ao homem delineiam claramente a sua situação atual nos altos índices de infecção pelo HIV/aids e conseqüentemente apontam sobre a sua constante vulnerabilidade à doença letal, independente de estarem enquadradas ou não nos *grupos de risco*.

Sem dúvida, o desconhecimento associado a muitos outros fatores que integram as relações sociais dentro da cadeia, aumentam a vulnerabilidade das populações carcerárias as DST/Aids, ou seja, pela prática do homossexualismo sem proteção, seja pelo compartilhamento de seringas na prática do uso velado de drogas injetáveis no cárcere, considerando-se também, a aglomeração e a falta de hábitos higiênicos entre outros saudáveis ao corpo físico e psique do ser humano em confinamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AYRES, J.R.C.M. O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser. A vulnerabilidade com eixo de avaliação de ações preventivas do abuso de drogas e as DST/AIDS entre crianças e adolescentes. In: AMARO, C.M. et al. *Papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e as DST/AIDS*. 3ª ed. São Paulo: FDE, 1998. p.15-24. (Série Idéias, 29.)
2. BARBOSA, M.R.; VILLELA, W.V. A trajetória feminina da Aids. In: PARKER, R.G. et al. *A aids no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará Editores, 1994. Parte 1. p.217-230.

3. CAMACHO, M. Ela e ela, não! VEJA. [on line] Disponível no endereço http://www2.uol.com.br/veja/080798/p_084.html. Capturado em 16/mar./2000.
4. DUARTE, R. G. *Sexo, sexualidade e Doenças Sexualmente Transmissíveis*. 5ª ed., São Paulo: Moderna, 1997. 119 p.
5. GAUDERER, E. C. Homossexualidade masculina e lesbianismo. *J. pediatr.* vol. 56, nº 3, Rio de Janeiro, 1984. p. 123-5.
6. GUIMARÃES, C.D. Mulheres, homens e Aids: o visível e o invisível. In: PARKER, R.G. et al. *A aids no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará Editores, 1994. Cap.7. p.217-230.
7. LEMGRUBER, J. *Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres*. Rio de Janeiro: Achaime. 1983. 142 p.
8. LIMA, A.L.L.M. et al. *HIV/Aids: perguntas e respostas*. São Paulo, Atheneu, 1996. 351p.
10. MAGYAR, V; CASTRO, E. L. Ser ou não ser: esta (ainda) é a questão. *Rev. Galileu* [on line] <http://www.galileuon.com.br/edic/87/comportamento1.htm> Capturado em 15/mar./2000.
11. NASCIMENTO, E.S. *Aids: estigma dentro do estigma*. Porto Alegre. 1997. Monografia (Especialização) Pontifícia Universidade Católica.
12. RENNÓ, C. Hoje é dia de visita, vem aí meu grande amor... *Rev. Mix Ribeirão*. Ribeirão Preto, n.11, 1999. p.22 - 5.
13. TRONCOSO, A. et. al. Probable transmission de HIV por contacto homosexual femenino, *Medicina*, vol. 5, nº 4, Bueno Aires, 1995 p. 334-6.

Endereço para correspondência:

Annecy T Giordani
Av. do Café 1695. - Bloco C.
Aptº 101 - Jd. Monte Alegre.
CEP: 14.050-230 - Ribeirão Preto/SP.
E-mail: annecy@eerp.usp.br